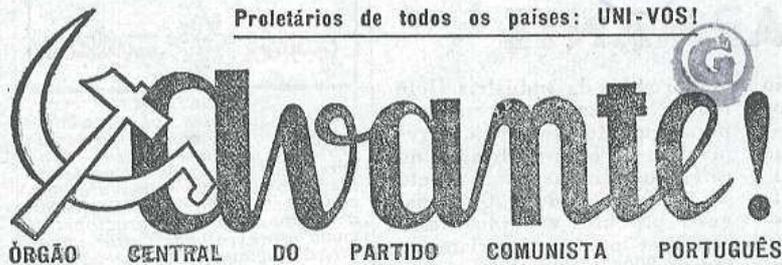


Proletários de todos os países: UNI-VOS!



A ORDEM DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO para Álvaro Cunhal

O Presídido do Soviete Supremo da URSS concedeu com a Ordem da Revolução de Outubro o camarada Álvaro Cunhal.

Esta condecoração, atribuída a quando do aniversário do nosso camarada, testemunha as fraternais relações de amizade existentes entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Português.



Após campanha vitoriosa CONSOLIDAR POSIÇÕES DAR NOVOS PASSOS EM FRENTE!

Extractos do manifesto da Comissão Política

1. **A grande campanha política de massas**, (como o PCP já salientou) **constituiu um grande e brilhante sucesso das forças anti-fascistas (...)**

Na campanha evidenciou-se que a inexistência de liberdades e a guerra colonial constituem questões centrais, sem a solução das quais nenhum outro grande problema nacional pode ser resolvido.

Pôr fim ao fascismo e conquistar a liberdade; pôr fim à guerra colonial com a independência da Guiné-Bissau (já declarada), de Angola e de Moçambique; libertar Portugal do domínio dos monopólios e da submissão ao imperialismo estrangeiro; — são os grandes objectivos da luta popular, são aspirações ardentemente expressas por centenas de milhar de

portugueses que intervieram na campanha (...)

2. **O regime fascista sofreu uma clamorosa derrota política no período «eleitoral».**

Falhou a sua tentativa de alargar as bases de apoio político. Falhou a sua tentativa de, servindo-se dos liberalizantes, fomentar uma oposição inofensiva integrada na situação. Falhou a sua tentativa de abafar com medidas repressivas a campanha do movimento democrático e de impedir a expressão dos seus grandes objectivos, designadamente o fim da guerra colonial. Falhou finalmente a sua tentativa de levar a Oposição às urnas sob a ameaça do decreto punindo a abstenção. (...)

3. **A campanha reafirmou que o movimento democrá-**

tico é, na vida política portuguesa, uma grande realidade, que o fascismo não consegue esmagar nem amordaçar.

Aparecendo à luz do dia identificados com os interesses e aspirações mais profundas do povo português, reforçando as suas posições, a sua influência, as suas ligações com as massas, o movimento democrático criou condições mais favoráveis para prosseguir a luta pelo direito a uma actividade legal permanente (...)

4. **A campanha revelou uma notável renovação do movimento democrático.**

Melhorou consideravelmente a sua composição social. Acentuou-se o papel da classe operária e a intervenção das massas trabalhadoras. A ampla e entusiástica participação da juventude foi um dos aspectos mais salientes da campanha. As mulheres in-

tervieram mais do que nunca anteriormente. Revelou-se um considerável reforço orgânico, que constituiu um dos factores do êxito da campanha e é condição indispensável do seu desenvolvimento futuro (...)

5. **A campanha evidenciou profundas modificações operadas no quadro das forças políticas e anti-fascistas e na correlação da sua influência.**

Confirmou o eclipse total da burguesia liberal, que durante longos anos fora uma influente corrente na Oposição. Revelou uma evolução favorável do sector socialista. Comprovou uma importante participação de correntes católicas progressistas, embora seja de lamentar que algumas se tenham recolhido na passividade. E evidenciou o crescente e decisivo papel do Partido Comunista, força motora da unidade e da luta popular.

(continua na 4ª pág.)

Dez mil operários em greve

Reagindo energeticamente contra a superexploração de que são vítimas por parte do patronato e enfrentando a imperiosa necessidade de fazerem face à contínua e galopante subida do custo de vida, milhares de trabalhadores lançam-se na luta pela conquista de aumento de salários e pela satisfação das reivindicações. Estas lutas têm assumido e assumem as mais diversas formas como greves, paralisações, concentrações nas empresas e nos sindicatos, abaixo-assinados, etc. Cerca duma dezena de milhar de trabalhadores recorreram à greve a partir de fins de Outubro.

Fizeram greve os 5.000 trabalhadores (na grande maioria jovens operárias) da **Automática Eléctrica Portuguesa—Plessey**, com fábricas em Cabo Rivo, Corroios e Prior Velho (Sacavém); cerca de 2.000 da **Standard Eléctrica**; 800 da **Algot** (Póvoa de Varzim); 500 da **Control-Data** (Setúbal); 550 da **Alumina** (Porto); 40 da **Apelaid** e as operárias da **Sigetecci** (Setúbal), os operários duma secção da fábrica **Triunfo** (Coimbra).

Fizeram paralisações as operárias da **Geffa** (Alhos Vedros), empresa de confeções com cerca

de 1.000 trabalhadoras; os operários da **Ima** (Setúbal), empresa de montagem de automóveis; as operárias da **Melka** (Cacém), empresa de confeções; os 150 operários do turno da noite da **Ford Lusitânia** (Azambuja), 50 metalúrgicos da **Cotese** (Porto).

Nesta empresa, **3 dias de greve na Plessey** para além da superexploração que sofrem os trabalhadores, particularmente as jovens operárias, estas são ainda vítimas das mais duras condições de trabalho que levam a um desgaste rápido da vista devido à necessidade duma rigorosa aplicação desta sobre os objectos fabricados. Os salários são miseráveis. O contrato colectivo não tem sido cumprido.

No dia 24 de Outubro de manhã começou a greve, que no dia seguinte se tornou total com a adesão do pessoal dos escritórios. Foi distribuída uma tarjeta assinada por «um grupo de operárias» onde eram colocados como objectivos de luta: Cumprimento do CCT, aumento de salários, redução das horas de trabalho e uma creche.

A greve fez-se de braços caídos. Choveram as ameaças de represálias do patronato; ameaça da entrega do caso ao M. do Interior; isto é,

à PIDE-DGS; foi chamada a PSP; uma pseudo comissão a nível de chefes lançou um documento desmoralizador. Tudo isto com o objectivo de abalar a firmeza e a unidade das valentes operárias.

Mas o seu espírito combativo mantém-se. O major Teles (chefe do pessoal), que se destacou nas ameaças, teve que fugir para não ser soçado e em reuniões feitas no refeitório é decidido dar tarcia a quem furtasse a greve.

Entretanto a empresa promete passar a cumprir o CCT a partir de 1 de Janeiro e o pessoal dos escritórios decide retomar o trabalho.

A retomada do trabalho é geral a partir do dia 29, embora com grande descontentamento da maioria das operárias mas sem que de algum modo se sintam derrotadas. No dia 31 há ainda uma paralisação de 3 horas numa secção com 200.

Esta luta da **Plessey** constituiu um êxito muito importante, pois ela uniu à volta dos mesmos objectivos todos os trabalhadores da empresa. Se é certo que quanto aos fins não foi obtida uma vitória imediata, o que se deverá em grande parte à deficiente or-

(continua na 3ª pág.)

Mensagem de ARISTIDES PEREIRA

Em resposta às felicitações que, em nome do PCP, lhe foram enviadas por A. Cunhal, por motivo da eleição para secretário geral do PAI GC, Aristides Pereira endereçou ao nosso Partido uma mensagem, em que diz designadamente:

«**Com muita emoção recebemos as vossas fraternais saudações e felicitações que nos encorajam fortemente a prosseguir no caminho justo do cumprimento do nosso dever histórico para com o nosso povo e a humanidade.**

Com plena consciência da nossa luta para um mundo de paz e de progresso, estamos firmemente decididos a reforçar cada vez mais os laços de amizade e solidariedade unindo os nossos partidos como representantes legítimos dos nossos povos trabalhadores.

Saudações combativas com os nossos mais sinceros agradecimentos pelo vosso gesto.

Aristides Pereira



UMA SITUAÇÃO ALARMANTE

O assustador e constante aumento do custo de vida, a falta de artigos de primeira necessidade, a escassez dos combustíveis, estão a causar crescente descontentamento. Está a manifestar-se com agudeza a crise latente em que o país tem vivido em consequência das guerras coloniais e da política de sujeição aos monopólios e ao imperialismo.

Galopante subida do custo de vida

Nas últimas semanas a velocidade da subida do custo de vida tem sido de tal ordem que não há um dia em que as donas de casa vão às compras sem que encontrem aumentos de preços. A carne voltou a subir 25% e mais. As salsichas e outras carnes enlatadas sofreram aumentos que vão de 28% a 40%. Todas as espécies de carne de porco aumentaram de preço. Assim, por exemplo, o chispe subiu 25%, tal como a orelheira. O chouriço de carne, esse aumentou 45%. O peixe vem sofrendo alterações de preço variáveis, mas sempre para mais e nunca para baixo.

Ainda há pouco tempo o arroz tinha subido entre 12 a 25% conforme as qualidades. Quanto à batata, os preços estão a «trepar» de dia para dia, atingindo os 3\$80, 4\$00 por quilo e mais. Aumentaram de preço os ovos, a manteiga, a margarina, o azeite, o café, etc.

O preço dos carrinhos de linha passou de 4\$00 e 6\$00 para 12\$00 e 15\$00, isto é, tiveram aumentos que chegam a 200%.

A falta de géneros e de gasolina

Paralelamente a estas subidas, há variados géneros que faltam no mercado. Falta o leite, o bacalhau, o sabão, há géneros que desaparecem por algum tempo para depois aparecerem em pouca quantidade e a preços muito mais altos. Tal é o caso do bacalhau que mesmo os Grémios dos Retalhistas de Merceria perguntam onde estará, uma vez que entidades do governo afirmam que o produto existe «em quantidades superiores às lançadas no mercado na mesma época de 1972».

Fenómeno de maior gravidade

é a subida de preço e a redução do consumo da gasolina. O governo, a Televisão, os jornais esforçam-se por fazer acreditar que a escassez de combustível é igualmente extensiva a todos os países. Tentam por essa forma esconder que a grave ameaça que pesa sobre o país é uma consequência directa da guerra colonial e do apoio prestado pelo governo aos imperialistas americanos e israelitas na agressão aos povos árabes. Portugal teve a «honra» de ser o único país europeu com o qual os países árabes cortaram todo o tipo de relações!

Uma crise que alastra

O manifesto de 10 de Novembro da Comissão Executiva do C.C. do P.C.P. acentua que às actuais restrições outras maiores se seguirão, abrangendo nomeadamente o gás e outros combustíveis, o que irá agravar de forma crescente a já perturbada economia do país. Confirmando esta previsão, saiu a público no princípio de Dezembro o aviso do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade feito às empresas distribuidoras de que em Janeiro haverá reduções de 25% no fornecimento da energia eléctrica.

A crise está já atingindo as indústrias vidreiras, das cerâmicas, dos transportes e ameaça gravemente outros ramos da frágil economia do país.

As classes trabalhadoras estão a sofrer uma acriscada exploração e miséria. É de prever não apenas novos e brutais aumentos do custo de vida, mas também um maior desemprego assim como a ruína de inúmeros pequenos comerciantes, agricultores e industriais.

Já se anunciam subidas gerais nos transportes, que levarão a maiores subidas nas mercadorias. No dia 1º de Dezembro os transportes colectivos de Coimbra sofreram aumentos que algumas carreiras atingem os 100% (bilhetes de 1\$00 passando para 2\$00 e de 1\$50 para 3\$00).

Os industriais de panificação de Lisboa vão pedir ao governo a «revisão» (leia-se: a subida) dos actuais preços do pão, segundo anunciaram alguns jornais em fins de Novembro. Por sua vez, a União

dos Crémios da Indústria Hoteleira e Similar está a preparar-se para aumentos que, no que respeita aos preços praticados nos cafés, confeitarias, leitarias, etc., serão da ordem dos 100% e nalguns produtos vendidos nesses estabelecimentos atingiriam mesmo os 200%.

Os factos citados e as previsões de próximas e brutais subidas do custo de vida vêm inserir-se num quadro que já era alarmante, somando-se aos aumentos vertiginosos dos últimos anos.

Nos quatro anos que vão de Dezembro de 1968 a Dezembro de 1972, segundo o Boletim Mensal de Estatística cujos números estão longe de reflectir a realidade, as percentagens de aumentos de preços no consumidor foram as seguintes:

LISBOA	44,6%
PORTO	33,7%
COIMBRA	33,2%
EVORA	37,6%
VISEU	34,9%
FARO	53,7%

Quanto às rendas de casa (também segundo os números oficiais), entre Dezembro de 1968 e Dezembro de 1972 aumentaram em Lisboa 116%, em Faro 110,6% e em Évora 103%, em Viseu 101%.

Só nos primeiros seis meses deste ano os preços no consumidor subiram já 6,6% em Lisboa, e 7,8% no Porto — isto segundo os dados oficiais, muito abaixo da realidade. Ora, se até Junho deste ano já se verificavam tais subidas, de então para cá o aumento do custo de vida tem sido galopante, atingindo valores ainda muito mais altos do que nos últimos anos.

Nada a esperar do governo

Numa «conversa» realizada em 22-10-971 (há mais de 2 anos), M. Caetano afirmou: «O governo a que presido tem lutado contra a alta do custo de vida e vai intensificar essa luta». Os resultados estão bem à vista!

Mais recentemente, numa entrevista publicada nos jornais de 24-10-973, M. Caetano voltou a mentir grosseiramente ao afirmar que «as taxas de aumento dos preços dos produtos alimentares este ano andam por metade das do ano passado». Agora, na sua última e descolória «conversa» de 3-12, M. Caetano foi incapaz de falar nos graves problemas que o país atravessa, silencia a crise e as profundas divergências em que o regime se debate e teve o descaramento de atribuir as enormes bichas causadas pela escassez da gasolina à «ATTITUDE ESTUPIDA dos consumidores!»

Com o apoio do governo, que congelou os salários mas não os preços para que os lucros escandalosos dos monopólios continuem a aumentar, assiste-se a uma ofensiva generalizada contra o já baixo nível de vida das classes trabalhadoras.

face a esta situação impõe-se que a classe operária e todos os trabalhadores incrementem desde já as suas lutas, particularmente dentro das empresas, por aumentos de salários que façam face à subida dos preços e ao mesmo tempo se desenvolva, de Norte a Sul do país, um amplo movimento contra a carestia de vida e a falta de certos géneros, promovendo variado tipo de acções e amplas concentrações e manifestações junto das Juntas de freguesia, nas Câmaras Municipais, e outros locais.



NEGOCIATAS

Diz-se que, ainda antes da campanha, vendo o movimento democrático a arrancar, Caetano procurou aflito certos liberalizantes a rogar que apresentassem candidaturas. Propósito: Fomentar uma «oposição» colaboracionista, como protexto para tentar impedir a campanha da verdadeira Oposição.

Os convidados teriam reunido e aceitado em Princípio a oferta, mas com uma condição: o governo asseguraria a «eleição» (?) de 30 dos dezes para constituírem na Assembleia um grupo independente... Caetano achou caro o preço e a negociata falhou.

Condenado a enfrentar o movimento democrático, o governo tão desasado ficou que Caetano e as carpideiras vieram chorar a ausência dos liberalizantes.

O BOTIM

Em Argel como na fábula. Os bens aguçaram a cobiça. Começaram por contuar-se contra o irmão mais velho, ao qual deblam a prosperidade. Depois recrutaram alguns mercenários. Abraçados na irmandade do crime, deram o golpe e apossaram-se dos bens. Mas logo cada ladrão começou a congeninar como eliminar os outros para ficar senhor do butim. A intriga, a conspiração, amizade em palavras com a deslealdade no coração, passaram a reger as relações entre eles. Novo golpe. Novos desapossados. Novo bando. Assim é e assim continuará a ser ate que se deporem uns aos outros.

SOCIALISMO

Em Portugal, não é arriscado defender-se o socialismo, desde que não seja socialismo. Ou, se se quiser: desde que se trate de um socialismo diferente daquele por que lutam os comunistas! de um «socialismo» de expressão... anti-comunista e anti-soviética. O que não é possível, é defender ilegalmente o socialismo tal como os comunistas o entendem, o que implica, entre outras coisas, defender a conquista do poder pela classe operária e o papel da sua vanguarda revolucionária — o Partido Comunista. Nestas circunstâncias, a iniciativa de fazer, entre conhecidos democratas, um inquerito acerca do que entendem por socialismo, isto na altura da campanha política de carácter unitário, não podia deixar de adquirir um carácter objectivamente diuisionista, anti-comunista e anti-soviético.

Fraço o amor pela liberdade, que se afirma no ataque a homens amoraçados.

CORFESÃO

As «conversas com M. Caetano» do dr. Alcáda Batista retratam mais o último que o primeiro. O dr. Alcáda vem dizer o que já se sabia. Que alon! Isto é: que foi da Oposição, mas já não é. Lançado no plano inclinado do oportunismo, caiu, como era de esperar, na cómoda almofada da colaboração. Na linha dos hajuladores e cortados, o Alcáda propõe-se a sucessor de Ferros e Garniers. Triste celebridade a que consiste no talento de lamber as botas a tiranos.

PAPEIS

Um volume sobre a «abertura a leste». De início, deslocado, nm prefaciador a falar a sério. Depois cinco depoimentos. Um jornalista da Oposição moderada, dando algumas no cravo, mas outras também infelizmente na ferradura. O industrial Vinhas apregoando das nuvens que, para se obter resultado na negociação com o Leste, é necessário que Portugal, fazendo do Atlântico um rio com margens lusitanas (!), apareça na sua força de império colonial, reforçado ainda... pelo Brasil. Um comerciante voltado para o negócio e procurando ser sensato e realista. E, para a acabar, o escritor Vergílio Ferreira, aceitando com tal talento o triste papel de ponta de lança da cáluia anticomunista e antisoviética, que mostra poder medir-se com o quinto entrelistado, o célebre Barradas, profissional da desinformação, ex-director do «Diário da Manhã» e actual director da «Epoca» pidesca.

Foi preso JOÃO RESENDE

O destacado militante antifascista João Resende foi preso em Lisboa pela PIDE-DGS no dia 19 de Novembro. Ele está a ser barbaramente torturado nos antros da PIDE, como o têm sido numerosos outros antifascistas submetidos durante semanas à cruel tortura do sono e a outras brutalidades.

Protestemos contra a prisão de João Resende e contra as torturas, exijamos a presença dum advogado nos interrogatórios e fim imediato do isolamento.

Dirigente associativo do Instituto Superior Técnico de Lisboa e da Faculdade de Engenharia do Porto, de cuja Associação foi pre-

sidente, João Resende defendeu sempre os interesses dos estudantes. Era desde há vários anos perseguido e procurado pela PIDE. Expulso pelo governo fascista do Ensino Técnico que exerceu durante algum tempo depois de formado, recusou-se a permanecer no exército colonialista quando ia ser mobilizado para lutar contra os povos africanos, continuando a luta pela liberdade e contra a guerra colonial em novas condições.

Lutemos pela libertação de João Resende e de todos os presos políticos, contra a repressão! pela Amnistia!

LUTAS NAS EMPRESAS

Na CUF os trabalhadores de várias secções apresentaram à Administração um pedido de aumento que tenha como salário mínimo 5.500\$00 mensais. Circula na empresa um documento elaborado por «Um grupo de trabalhadores da CUF», apelando para a unidade de todos para a luta por esta reivindicação e fundamentando amplamente a sua justiça. Ao mesmo tempo circula um abaixo-assinado dirigido à CUF e empresas associadas reivindicando o salário mínimo acima referido. Foi também elaborado um apelo por um grupo de operários dirigido às trabalhadoras para participarem na mesma luta.

Os operários dos turnos da noite, ameaçados de trabalho em sistema de laboração contínua, discutem a reivindicação dum subsídio de 1.000\$00 por mês.

Fizeram CONCENTRAÇÕES nas empresas cerca de 200 trabalhadoras da TREFILARIA (Sacapém), exigindo aumento geral de salários: 150 operários do turno da noite da FORD LUSITANIA (além duma pa-

ralização de meta hora), reivindicando o pagamento de mais 25% neste turno; 40 trabalhadores (o pessoal mais novo) da LEVER, exigindo um salário de 4.500\$00 mensais sem descontos.

Fizeram CONCENTRAÇÕES no Sindicato trabalhadores da FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAPÉM (uma vez 200 e outra 300) para reivindicarem aumento geral de salários, pagamento do 13º mês e feriado no 1º de Maio.

Entregaram ABAIXO-ASSINADOS na Administração os trabalhadores da COMETNA, com 650 assinaturas (90% do pessoal), exigindo um aumento de 1.500\$00 mensais; os trabalhadores da FIMA (Sta Iria), reivindicando aumento geral de salários.

Na SOREFAME constituíram-se comissões em todas as secções que em nome de todos os operários da empresa apresentaram aos respectivos chefes (de secção) o pedido de aumento de salários, exigindo que o mesmo fosse transmitido à Administração.

10.000 Operários em greve

(continuação da 1ª pág.)
organização, esta greve demonstrava aos trabalhadores que só a luta é susceptível de levar o patronato a ceder. O descontentamento e o espírito combativo dos trabalhadores mantêm-se. Como resultado da luta agora travada e de acções futuras, eles conseguiram impôr ao patronato a satisfação das suas reivindicações.

Greve de 2 dias na Algot

Na Algot empresa de confecções dominada pelo capital Sueco cerca de 800 operárias (90% de todo o pessoal) estiveram em greve durante dois dias. As operárias reivindicavam um salário mínimo de 10\$00 hora (a maioria ganhava em média 40 a 45\$00 diários) e fim do trabalho a prêmio.

O patronato ameaçou chamar a polícia, o que não intimidou as operárias. Vendo que nada obtém com as ameaças o patrão vê-se obrigado a passar a uma atitude conciliatória e oferece um aumento de \$30 hora (!), o que aumentou ainda mais a indignação das operárias e a sua decisão de continuar a luta. No dia seguinte vê-se forçado a estabelecer o salário de 9\$00 hora, embora não extensivo a todas, e a melhoria do prêmio de produção. Após alguma hesitação as operárias decidiram aceitar, pois tal representava um aumento de cerca de 75%, em relação ao salário anterior. Não foram obtidas todas as reivindicações, mas a vitória alcançada mostra que poderão con-

quistar outras se se mantiverem unidas e prosseguirem a luta.

Greve e vitória dos operários da «Alumina»

Perante a recusa da administração desta empresa metalúrgica do Porto de cumprir regalias conquistadas pelos trabalhadores — os 550 operários da «Alumina» lançaram-se em greve durante 4 dias e meio.

Dia 12 de Novembro: uma tarjeta apela para a greve a partir da tarde desse dia. A secção das garrafas inicia-a a partir das 13 horas e logo a seguir a do cobre, salvo 15 a 20 amarelos. Uma comissão entrega na gerência uma nota com as reivindicações dos operários: 3º feriado no dia 1º de Maio a partir de 1974 (31 de Dezembro em 1973); pagamento do prêmio de assiduidade; pagamento do 13º mês a partir deste ano; abolição dos despedimentos sem justa causa.

Goram-se as tentativas do patronato de dividir e convencer os operários a cessar a greve. Fracassam as tentativas dos delegados do INTP. Resposta dos operários: o patrão só tinha de responder se satisfazia ou não as reivindicações, retomariam o trabalho em caso afirmativo, continuariam junto das máquinas se não fossem satisfeitas.

Ao fim de 4 dias e meio de greve, vitória total! Uma tarjeta dos «trabalhadores da Alumina» manifesta o regozijo dos operários e o seu repúdio aos 20 trabalhadores que «por medo ou traição» furaram e receberam 2 contos por cabeça do patronato.

De salientar a organização e combatividade dos operários, e a acção dos grupos que se formaram para esclarecer os seus companheiros e levá-los a aderir.

FÁBRICA TRIUNFO DE COIMBRA — Os trabalhadores duma secção (a maioria são mulheres) fizeram greve de braços caídos no dia 12 de Novembro para protestarem contra a falta de pagamento do salário no dia previsto.

LUTAS LOCAIS

A POPULAÇÃO DO VAL DO VOUGA EXIGE O COMBOIO

—cerca de 200 pessoas, representando mais de 20 freguesias da região, reuniram-se em Macinhata do Vouga. No meio de grande entusiasmo, todos os presentes apoiaram a imperiosa necessidade do comboio e vários desmascararam os falsos pretextos invocados pelo governo para o seu desaparecimento. Diziam alguns: «Será que as automotoras também punham fogo à floresta?»

No final, foi aprovado o envio de um telegrama ao Presidente do Conselho, ao ministro das Comunicações e aos Governadores de Aveiro e Viseu, reivindicando «providências urgentes, circulação imediata do comboio, pondo fim a tão angustiante situação.»

Com o mesmo objectivo, foi enviado anteriormente, à Câmara de Agueda, um abaixo-assinado de Macinhata com mais de 1.300 assinaturas.

A par destas acções, os camponeses da região prosseguem a sua luta pelo pagamento de justas indemnizações causadas pelos incêndios.

CONTRA O CUSTO DOS TRANSPORTES

—Um documento, com 1.350 assinaturas, protestando contra o aumento dos transportes e a sua ineficiência, foi entregue por uma comissão na Câmara de Coimbra.

COMERCIANTES DE AVEIRO

— Mais de 100 comerciantes das freguesias rurais do concelho concentraram-se no Grémio, onde entregaram uma exposição sobre a situação em que se debatem e contra a desigualdade em que estão ante o protecçãoismo dado aos supermercados, nomeadamente nos horários estabelecidos pela Câmara.

Todas estas lutas e outras que não são referidas revelam a firme disposição dos trabalhadores de se lançarem na acção para arrancarem ao patronato novos aumentos de salários e outras melhorias a fim de poderem fazer face à enorme carestia da vida, que aliás não pára de subir. A grande campanha política de massas criou condições favoráveis ao desenvolvimento da luta da classe operária e dos outros trabalhadores.

A luta contra o decreto 196/72 que congelou os salários impõe-se cada vez mais à consciência dos trabalhadores, pois a sua abolição é uma necessidade imperiosa. A luta por aumento de salários é também uma forma de lutar contra o decreto. A sua conquista, uma forma de o anular na prática.

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

A. J. A.	100\$00
Abaixo a ditadura fascista	50\$00
Abaixo a guerra colonial	25\$00
Abaixo a opressão monopolista	50\$00
Abaixo o fascismo	100\$00
Idem	10\$00
Alerta trabalhadores	250\$00
Idem	150\$00
Amigo da loja (2 meses)	200\$00
Amigo da quinta (2 meses)	100\$00
Amigo da velha guarda	1.000\$00
Amigo ao P.	1.000\$00
Américo F.	100\$00
Anzelo Veloso	2.500\$00
António Dias Lourenço	20.000\$00
Avante Alentejo	5.000\$00
Baku.	100\$00
Bento Gonçalves	10.000\$00
Bento Jesus Caraca	2.000\$00
CAMPANHA DE OUTUBRO	
— LISTA nº 30	
Viva a classe operária	40\$00
Pela unidade da cl. op.	20\$00
Pelo direito à greve	70\$00
P. libertação dos presos pol.	120\$00
Pelo fim da g. colonial	40\$00
Por uma grande campanha política de massas	7\$50
Pelo socialismo	20\$00
—LISTA nº 35	
Viva a classe operária	90\$00
— LISTA nº 37	

Viva a classe operária	20\$00
P. unidade da cl. operária	40\$00
Por sindicatos independentes	35\$00
Pelo direito à greve	19\$00
Pelas lib. democráticas	10\$00
P. libert. dos presos políticos	100\$00
— LISTA nº 39	
P. unidade da cl. operária	34\$00
P. lib. dos presos polit.	20\$00
— LISTA nº 44	
Camponeses ribatejanos	170\$00
Avante Ribatejo	500\$00
Pela democracia	200\$00
Um ribatejano	1.000\$00
Amigo do P.	1.000\$00
Viva o PCP (G)	800\$00
— LISTAS nº 66 1 68	313\$50
Casal socialista (2 meses)	200\$00
Contos de Soeiro P. Gomes	20\$00
Em memória de Gabriel Pedro e filha	540\$00
Direito à Greve (CC)	40\$00
Dum fato macaco	1.000\$00
Fora M. Caetano	30\$00
Gogol	5\$00
Idem	5\$00
Grupo amigos Gerardo (8)	300\$00
Guilherme Carvalho	290\$00
Idem	174\$00
Idem	3.000\$00
Idem	50\$00
Idem	540\$00

Ho Chi Minh	30\$00
Idem	30\$00
Jofre Amaral Nogueira	400\$00
José Adelino dos Santos	500\$00
Jonem comunista	90\$00
Lib. Diniz Miranda	300\$00
Lib. p. Dias Lourenço	100\$00
Lib. p. José Pedro Soares	10\$00
Lib. p. Rogério de Carvalho	500.00
Idem	1.000\$00
Maria Albertina	1.000\$00
Metalúrgicos revolucionários	210\$00
Idem	107\$50
Niemyr	40\$00
Idem	40\$00
Nova Luz	100\$00
Idem	100\$00
Organização teref. decisiva	80\$00
Os potos africa, vencerão	100\$00
Outubro vermelho	1.000\$00
Idem	600\$00
Idem	4.450\$00
Pablo Neruda	1.200\$00
Pires Jorge	40\$00
Porto	1.000\$00
Postais soviéticos	60\$00
Q. V.	200\$00
Idem	100\$00
Relógio soviético	25\$00
Idem	100\$00
Rifas	100\$00
Rui Negro	100\$00
Sementes no Cosmos	2.000\$00
Tipografia clandestina	2.160\$00
Trabalhador amigo	100\$00

Trab. Demo. ribatejanos	1.000\$00
UL 1	2.000\$00
Um amigo saído da cadeia	3.000.00
Um Marxista	100\$00
Um português na Venezuela	2.700\$00
Uma amiga atentejana	200\$00
Unidade sindical (T)	300\$00
Unidade na acção	1.500\$00
Unidade ideológica	500\$00
Velho amigo do P.	100\$00
Viva a CDE	17\$50
Viva a liberdade	20\$00
Viva a Rev. Dem. e Nac.	10\$00
Idem	10\$00
Viva a Rev. Socialista	10\$00
Idem	10\$00
Viva a URSS	20\$00
Idem	8.900\$00
Viva o P.C.P.	25\$00
Idem	25\$00
Idem	25\$00
Idem	50\$00
Viva o 1º de Maio	200\$00
Walter Ulbricht	1.000\$00
Idem	3.000\$00
2 amigos do V.	150\$00
3 operários	500\$00
TOTAL:	97.449\$00

Com a rubrica Rogério de Carvalho rebemos um objecto no valor de 1.000\$00.

DAR NOVOS PASSOS EM FRENTE

(continuação da 1ª pág.)

A unidade fez novos e grandes progressos. O movimento democrático aparece como uma larga frente unitária, de carácter popular e antimonopolista, em que cabem todos os portugueses e portuguesas que lutam pela liberdade, o fim da guerra colonial, a libertação de Portugal do imperialismo.

6. (...) Receoso do povo, receoso das massas, tentando entravar a luta popular ascendente, o governo continuará a recorrer largamente à repressão, nas suas diversas e odiosas formas e processos. O movimento democrático tem de se manter vigilante, não se deixar intimidar e responder firmemente à repressão, desenvolvendo a luta de massas contra as arbitrariedades, violências e crimes fascistas (...)

7. A remodelação do governo de Marcelo Caetano, tendo lugar num momento em que o regime acaba de sofrer uma grande derrota política e defronta um grande e vigoroso movimento popular, traduz as dificuldades crescentes do regime (...)

A perspectiva para o regime é a acentuação das contradições e conflitos internos, o agravamento dos problemas económicos, políticos, diplomáticos e militares.

A perspectiva para o movimento democrático é a consolidação das posições, o reforço da unidade e da organização das suas diversas estruturas, incluindo as dos movimentos autónomos com objectivos específicos de acção, o prosseguimento e alargamento da luta por objectivos concretos imediatos.

8. Toda a campanha se desenvolveu em torno dos objectivos fundamentais definidos pelo próprio movimento democrático (...)

O que se impõe no momento, através do funcionamento amplamente democrático das estruturas, é definir, dentro de cada um destes objectivos fundamentais, os objectivos parcelares imediatos e as formas e métodos de organização e acção para alcançá-los, chamando as massas à luta e dando decididamente novas passos em frente (...)

9. A par do movimento democrático, a luta trava-se noutras importantes frentes. O combate à ditadura fascista e à guerra colonial, o avanço da luta popular do próprio movimento democrático, exige que se intensifique a acção em todas essas frentes:

— a luta contra a guerra colonial nas diversas formas, que saem do âmbito do movimento democrático, desde acções políticas de massas, às deserções, movimentos de resistência nas forças armadas e actos de sabotagem do aparelho militar colonialista;

— a luta reivindicativa operária, multiplicando a formação de Comissões de Unidade nas empresas e de Comissões de Classe, utili-

zando formas diversas de acção. (...)

— o movimento sindical, mobilizando as massas para a acção combativa nos sindicatos, defendendo as posições já conquistadas, desenvolvendo a luta da classe para tomar conta de novos sindicatos. (...)

— o movimento da juventude trabalhadora, que ganha tenazmente maior amplitude e vigor dentro das suas formas maleáveis de organização e acção, e o movimento da juventude estudantil, assente nas associações e à frente do qual se encontra a União dos Estudantes Comunistas (UEC);

— A luta do campesinato, das classes médias, de todas as classes e camadas antimono-

polistas pelos seus interesses específicos, das populações pelos seus interesses locais ou regionais;

— o movimento das mulheres, que entrou numa fase de franco arranque;

— a luta em defesa da cultura contra o obscurantismo fascista;

— o movimento pela paz e pela segurança europeia, a luta por uma política externa de amizade com todos os povos e per relações do povo português com a URSS e outros países socialistas, assim como movimentos de solidariedade para com o povo chileno, os povos árabes, o povo vietnamita e outros povos em luta contra o imperialismo; (...)

POR UMA REAL AMNISTIA

Depois da burla eleitoral, o governo de M. Caetano fez anunciar uma Amnistia-burla. Apenas os presos condenados em penas correcionais viram as suas condenações reduzidas em 3 meses. Foi uma «Amnistia» que não deu liberdade a um único dos presos condenados a pena maior. Dias Lourenço, José Magro, António Gervásio, Diniz Miranda, Angelo Veioso, Rogério de Carvalho, Manuel Pedro, Carlos Domingos e muitos outros presos, alguns deles contando já 10, 17 e até 20 anos de prisão (!), não tiveram um único dia de redução nas suas pesadas penas!

Uma Amnistia que liberte todos os presos políticos é uma crescente exigência nacional. Isso ficou bem evidenciado nos inúmeros comícios realizados durante a grande campanha política de massas. Neles foram recolhidas dezenas de milhar de assinaturas reivindicando uma ampla Amnistia. O mesmo se verifica no plano internacional. Em Setembro, o «Comité Francês pelas liberdades democráticas e a Amnistia em Portugal», entregou na embaixada de Portugal em Paris uma exposição subscrita por mais de 4.000 pessoas.

O facto do governo ter concedido irrisórias reduções de pena a que hipocritamente chamou Amnistia, indica que ele procura iludir o país e o estrangeiro. Mas mostra igualmente que o governo não pôde ficar indiferente à crescente pressão que se faz sentir e que a continuação e alargamento dessa luta poderá forçá-lo a promulgar uma real Amnistia e a diferentes recuos na sua acção repressiva.

Assim, foi arquivado o processo dos católicos ligados ao caso da capela do Rato e absolvidos os que foram julgados pela publicação dos cadernos G.E.D.O.C.; foram absolvidos os democratas da Póvoa do Varzim e do distrito de Viseu, que se recusaram a pagar as multas a que foram sujeitos durante a campanha «eleitoral»; foi absolvido o jornalista Mário Castrim e adiado o julgamento das

três escritoras. Estes exemplos, a que se poderiam juntar outros, comprovam como se pode fazer recuar a repressão.

Agir contra a repressão

A repressão fascista assume formas múltiplas. As centenas de prisões verificadas no período de 25 de Setembro a 15 de Outubro, tal como se afirma num boletim da CNSPP, muitas outras se deram. Após as «eleições», foi preso o jovem candidato democrata por Aveiro, Mário Rodrigues, redactor do semanário «Independência de Águeda». Foram igualmente presos dezenas de democratas e estudante que militaram nas Comissões Democráticas da Oposição, os católicos Luís Moita, arq. Nuno Teotónio Pereira, Manuel Serra, o antifascista Palma Inácio, etc. Vários candidatos da Oposição, dirigentes sindicais, activistas do Movimento Democrático ou Sindical, têm sido despedidos dos seus empregos, muito especialmente de empresas monopolistas e estrangeiras.

Reagir contra as prisões, despedimentos e todas as formas de repressão fascista, organizar e promover as mais variadas acções contra a repressão política e económica, são tarefas que se colocam a todos os democratas e portugueses honrados. As concentrações, manifestações, greves e outras acções realizadas contra a repressão, nomeadamente, em Leiria, Vila Franca de Xira, Torres Vedras, estudantes de Lisboa e Porto, greve dos médicos estagiários de Lisboa contra a prisão dum colega, são alguns dos muitos exemplos que importa seguir e alargar.

Na Marinha Grande, entre 700 e 800 pessoas concentraram-se no largo da Câmara para entregar um abaixo-assinado de protesto contra as prisões dos democratas Joaquim Carreira e Leonor Barido e exigir a libertação dos mesmos. Exigindo a libertação do católico Manuel Felizardo foram recolhidas em poucos dias mais de 2.000 assinaturas.

A luta pela Amnistia e a libertação de todos os presos, há que associar e organizar acções pela cessação das torturas e extinção da Pide-DGS, pela presença de advogados nos interrogatórios, contra os despedimentos, contra as multas repressivas e pela recusa do seu pagamento, contra todas as formas de repressão fascista.

10. Principal alvo da repressão são fascista, lutando nas condições da mais severa clandestinidade, o Partido Comunista Português, o partido da classe operária, encontra-se decididamente na vanguarda das massas trabalhadoras do movimento antifascista, de toda a luta popular (...)

O PCP não poupa nem poupará esforços para que seja reforçada a unidade da classe operária e das massas em luta, a unidade de todas as forças antifascistas, para que se desenvolvam, em todas as frentes, grandes movimentos unitários, para (ombro com ombro com todos os outros antifascistas) organizar, ampliar, intensificar as lutas de massas, conduzi-las a um nível superior, dar-lhes uma perspectiva revolucionária.

Contrastes...

NO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO — Nos escassos dias do chamado período «eleitoral», a oposição realizou entre 150 a 100 comícios e sessões públicas, sem contar nestes números as dezenas de assembleias, mesas-redondas, colóquios e variado tipo de reuniões. Muitos dos comícios realizados tiveram assistências de mais de 1.000 pessoas, e alguns tiveram mesmo 2.000, 3.000 ou 4.000. Como se sabe, houve comícios em que as pessoas que ficaram na rua, por não poderem entrar, eram em número superior às que assistiam. Para os realizar, foi preciso vencer inúmeras dificuldades repressivas, burocráticas, e até de dinheiro. O aluquer do Coliseu do Porto para os três comícios lá realizados pela Oposição custou cerca de 150 contos! Apesar das dificuldades impostas, ter-se-iam realizado dezenas de outros comícios se o governo não os tivesse proibido ou não recorresse a pressões e chantagens.

NO CAMPO FASCISTA — Prevalecia a mais completa ausência de dificuldades. O aparelho de Estado, os serviços camarários, a Televisão, os monopólios, tudo puseram à disposição da ANP. Subsistia, porém, uma «pequena» dificuldade: AS PESSOAS, O POVO! Apesar do reduzido número de comícios realizados pela ANP, eles tiveram quase sempre o cuidado de os realizar em recintos pequenos. Mesmo assim, houve alguns que estavam às moscas e outros não o estavam porque o funcionalismo foi coagido a estar presente. Noutros casos... vejamos um exemplo:

O J. Pimenta (conhecido construtor já condecorado por Américo Tomás pela sua ausência de escrúpulos e pelas vigarices a que recorre nas suas construções, que tem como colaboradores vários chefes e agentes da PIDE-DGS), quando a ANP realizou uma sessão em Sintra, deu ordens para que os «seus» 800 trabalhadores das obras da Reboleira fossem à dita sessão. Dos 800 só 16 se prestaram ao frete! O Sr. J. Pimenta fica furo e decide fazer-lhes um discurso recheado de promessas e mentiras e consegue arranjar 5 camionetas para a sessão de Sintra.

Como se pode prever, o «entusiasmo», o « calor », a « vibração » dessas presenças era igual ou superior às « presenças » simpáticas que o A. Tomás « viu » e « escutou » no cortejo a caminho da sessão inaugural da «nova» Assembleia Nacional...

No que respeita à votação nas urnas, aí sim, toda a gente pôde ver as enormes e infundáveis «bichas» de votantes. Nas colónias houve percentagens de 100%! Em Portugal (mais de metade da população adulta não estava recenseada), os cozinhados foram muito mal planificados, daí resultando ter «handicapped» distritos com percentagens de 41 a 50% (casos de Aveiro, Lisboa, Setúbal, Ponta Delgada) e outros com percentagens de 80 a 87%! (casos de Viana, Horta, Portalegre, Bragança, etc.). Tais diferenças são «faltas impordáveis em «planificadores de votos» com tanta experiência!...



Os estudantes

Desenvolvendo a luta em três frentes — na acção solidária e comum com o movimento democrático; no movimento democrático estudantil e no terreno associativo — os estudantes

deram uma valiosa contribuição para a grande campanha política de massas.

O governo fascista e as autoridades académicas tudo fizeram para paralisar o movimento estudantil durante a campanha «eleitoral». Prenderam dirigentes e activistas, encerraram cantinas não iniciaram as aulas nas faculdades, cercaram locais estudantis pela polícia (Técnico, Cidade Universitária em Lisboa, Ciências no Porto e Pálio das Letras em Coimbra), intensificaram até ao absurdo o controlo dentro das escolas (no Técnico instauraram cartões coloridos e «sinais de trânsito», em Direito só se entra na posse de cartão e segundo certos horários), repartiram os estudantes por vários edifícios (Medicina), etc..

O fascismo não atingiu porém os seus intentos.

Milhares de estudantes, não só em Lisboa, Porto e Coimbra, mas por todo o país integraram-se nas estruturas do movimento democrático, colaboraram nas suas iniciativas, nas sessões, distribuições, acções e manifestações de rua, contribuindo para tal os candidatos estudantis.

As comissões democráticas estudantis desenvolveram um valioso trabalho, levando às Universidades, Liceus, Escolas Técnicas e Institutos as palavras de ordem da oposição democrática, a sua propagação e agitação, organizaram numerosas «bancas» nas escolas e nas cantinas abertas, colóquios, reuniões de debate e de convívio, publicaram e distribuíram numerosos documentos, fizeram jornais de parede, cartazes, recolheram fundos, comemoraram o dia da FRE LIMO, e assinalaram a independência da República da Gniné-Bissau, participaram nos comícios da Juventude.

Com centenas de novos activistas, fortalecendo as estruturas do movimento democrático estudantil deu PASSOS MUITO IMPORTANTES PARA O ENRAIZAMENTO NAS ESCOLAS DE UMA FRENTE POLÍTICA DE MASSAS. No fim da campanha, podemos bem dizer que nas escolas só os fascistas e os pseudo-revolucionários não estiveram com o movimento democrático. A sua campanha de calúnias, de provocações políticas e em que se colocaram objectivamente ao lado dos fascistas, é um sintoma inequívoco do seu crescente isolamento.

A LUTA NO TÉCNICO

A luta no terreno associativo, pelos objectivos específicos e imediatos dos estudantes, centrou-se este ano no Técnico.

6.000 estudantes mantiveram uma greve, primeiro às aulas e depois a exames, desde Maio, enfrentando corajosamente a violentíssima repressão do governo fascista de Caetano.

Activistas presos, entre os quais o presidente da AEIST, encerramento da AEIST, cancelamento do 2º semestre, o Técnico cercado constantemente pela polícia, inquirições policiais à Direcção, entradas controladas por máquinas de filmar e cartões polaróides, são apenas alguns exemplos.

A partir do início de Novembro, a luta no terreno associativo ganhou um novo impulso. Em DIREITO, estudantes estão em luta pela expulsão dos «gorilas» da sua faculdade. No Porto, os estudantes de ENGENHARIA, fizeram um dia de greve contra a aplicação de um decreto e de solidariedade ao Técnico. Nas MEDICINAS os estudantes lutam contra as tentativas do fascismo em impor a «reforma».

Unindo-se com as massas populares — como sublinha a UEC — o movimento estudantil tem força para enfrentar a repressão, fazer recuar o fascismo e trazer os estudantes a grandes lutas em torno dos seus objectivos principais.

Os camponeses

Parte importante do sucesso da grande campanha política de massas foi sem dúvida a larga participação que nela tiveram os camponeses de alguns distritos.

Este facto revelou um mais vasto alargamento da influência e mobilização do Movimento Democrático, uma maior radicalização política desta camada laboriosa da população, reflexo das lutas que se têm vindo a desenvolver neste sector e na qual têm participado várias centenas de pequenos e médios camponeses.

Nos distritos onde se contam com grandes massas camponesas Aveiro, Coimbra, Satarém, Évora, Castelo Branco várias comissões distritais e concelhias esclareceram e formularam, através dos vários documentos publicados os anseios e as reivindicações mais imediatas, facilitando a adesão entusiástica dessas camadas.

No distrito de Aveiro realizaram-se com carácter especificamente camponês 2 comícios. Neles participaram largas centenas de homens ligados à terra que abordaram, vivamente, os seus problemas mais sentidos. Salientou-se o roubo dos baldios pelos Serpóis Florestais; foi desmascarado o roubo da taxa

de vinho; o carácter monopolista da Madeiper e o serviço que presta aos monopólios da celulose; os interesses que ditaram a supressão da linha do Vale do Vouga; as indemnizações devidas a milhares de camponeses arruinados pelos incêndios de Agosto de 1972; o fracasso da assistência médica no campo; a impunidade com que os monopolistas de Cacia têm poluído a água do Vouga e as terras que lhes estão perto com o envio de uma moção de protesto ao Governo; o parasitismo e corrupção dos organismos corporativos do estado fascista; as dificuldades cada vez maiores dos pequenos e médios camponeses que se vêm obrigados a emigrar para fugir a uma vida de miséria; a necessidade dum reforma agrária que modifique radicalmente a sua situação, entregando a terra a quem a trabalha.

Também em Coimbra, junto de alguns concelhos rurais, foram abordados problemas da pequena agricultura, travando-se diálogo vivo entre oradores e assistência.

Outro dos grandes êxitos da campanha política de massas, junto destas camadas mais afastadas da luta política, foi de esclarecer centenas ou milhares de camponeses sobre a criminoso guerra colonial, a quem serve e quem a paga; a quem favorece a ausência das liberdades fundamentais; como se traduz a exploração dos grandes monopólios e a falência da política fascista na agricultura; a denúncia da repressão e da burla eleitoral.

Os jovens trabalhadores

Na grande campanha política de massas a presença da juventude impôs-se nas estruturas acções e candidaturas do Mo-

vimento Democrático. Sendo ela a principal massa mobilizada, actuou também como a grande força impulsionadora da luta democrática. Importante parte dessa valiosa contribuição coube naturalmente à juventude trabalhadora que previamente consolidara as bases da sua participação.

É assim que a juventude trabalhadora participa activamente nas diversas acções em torno da Plataforma Nacional do Movimento Democrático e das suas reivindicações específicas, em particular contra a Guerra Colonial e suas repercussões (recusa de emprego, interrupção dos cursos, impedimento de promoção profissional, e dificuldades de readaptação) e pelas Liberdades (direito de voto aos 18 anos, de reunião, informação e associação, direito à greve e direitos sindicais). Da variedade das acções levadas a cabo com toda a coragem e entusiasmo, salientam-se a distribuição de documentos, inserções e as afixações de cartazes nas ruas e nas salas para as sessões, recolha de fundos e assinaturas, mobilização e animação de comícios com propostas e moções ou elaboração de intervenções. Para além dos comícios da Juventude, em Lisboa (Odivelas) com cerca de 1.000 jovens, Porto com 700 pessoas no Carlos Alberto (a 2 centenas de jovens não lhes foi permitida a entrada) e Coimbra com a sala do Teatro Avenida também cheia, muitas foram as sessões que decorreram sob o signo da Juventude. Por exemplo em Castelo Branco num comício com cerca de 1.000 pessoas, bem metade era constituída por jovens que, com os seus estribilhos e aclamações, lhe deram um carácter de comício de Juventude.

Aproveitando as condições favoráveis de mobilização e discussão, a juventude trabalhadora incentiva a Campanha Pré-militar e do voto aos 18 anos. Os abaixo-assinados nacionais exigindo a resolução desses problemas recolheram já, respectivamente 10.000 e 8.000 assinaturas. Dezenas de documentos sobre reivindicações gerais ou específicas foram publicados e distribuídos aos milhares bem como

vinhetas e selos colantes, distícos e inscrições nas ruas. Reuniões convívios, reuniões de empresa e escolas técnicas realizaram-se, abordando a situação do jovem no trabalho, no sindicato e na luta política, em Lisboa, Vila Franca, Torres Vedras, Amadora, S. Iria, Moscavide, Queluz, Setúbal, Barreiro, Almada, Baixa da Banheira, Leiria, Marinha Grande, Santarém, Évora, C. Branco,

Aveiro, Agueda, Espinho, Porto, Matosinhos, Gaia, Póvoa de Varzim, contando cada uma delas com várias dezenas e mesmo centenas de jovens, além de pelo menos 3 reuniões nacionais e vários encontros regionais e inter-districtais.

E apesar de terem sido os jovens as principais vítimas da repressão com prisões, intimações, multas e até brutais agressões e de medidas restritivas como a proibição de entrada nos comícios a menores de 21 anos, o Movimento da juventude trabalhadora safou mais forte, mais organizado contando uma mais larga adesão e apoio dos jovens trabalhadores de todo o País.

Esta realidade garante o prosseguimento da luta.

MANIFESTAÇÕES DE RUA

O «Avante!» de Outubro e de Novembro referiu algumas das mais salientes acções e manifestações realizadas no decorrer da grande campanha política de massas. Muitas outras acções, devido principalmente à falta de espaço, ficaram por relatar. Tal é o caso das manifestações de rua que só agora notificamos.

NA MARINHA GRANDE — Na manhã do dia das «eleições», quando o Presidente da Câmara e sua comitiva chegaram à chamada Assembleia de voto, umas 100 pessoas vaiaram-nos e protestaram contra a burla eleitoral. A PSP interveio e dispersou os manifestantes, mas por volta das 14 horas houve nova e maior concentração. A polícia de choque apareceu, causando ferimentos a várias pessoas e prendendo outras, nomeadamente o democrata Joaquim Carreira. Mesmo assim as massas continuaram a concentrar-se e a protestar. Os confrontos com a polícia sucediam-se e só terminaram por volta das 23 horas.

No dia seguinte a manhã encheu-se a sala do tribunal onde ia ser julgado um alfaiate preso e agredido na véspera. No recinto anexo ao tribunal ficaram grande número de pessoas, e em frente dele concentraram-se à volta de 1.000, que aí se mantiveram até à suspensão da au-

diência, cerca da meia-noite.

EM TORRES NOVAS — No dia 26-10, o cinema onde se devia realizar a última sessão democrática estava rodeado de grande aparato policial. Ai se concentraram mais de 1.000 PESSOAS que a seguir se dirigem para o centro da vila, numa manifestação de protesto, gritando as consignas do Movimento Democrático.

No largo principal da vila, dezenas de potências de choque chegaram em camionetas investem contra os manifestantes, fazendo vários feridos. Durante a noite deram-se vários outros reencontros com as pessoas que continuavam a manifestar a sua indignação.

EM CANTANHEDE — Quando morreu o prestigiado democrata Henrique Barreto, a censura cortou todas as notícias referentes ao seu funeral. Apesar disso e do grande aparato policial, as massas corresponderam aos apelos do MD. O funeral foi uma grande manifestação democrática. Segundo a expressão de um democrata, «CANTANHEDE EM PESO ESTAVA NA RUA, AO LONGO DO PERCURSO DO FUNERAL», e várias centenas de pessoas incorporaram-se no cortejo. No cemitério, vários oradores denunciaram a política fascista, a repressão, a guerra colonial.

Saudação ao PCUS

Por ocasião do 56º aniversário da Revolução Socialista de Outubro, o CC do PCP enviou uma saudação ao CC do PCUS de que salientamos os seguintes passos:

«Os anos que passam evidenciam cada vez mais o papel da Revolução de Outubro na radical transformação do curso da história, o decisivo impulso dado pela Revolução de Outubro a todo o processo revolucionário mundial». Mais adiante, referindo o apoio activo da URSS para com todos os povos que lutam pela sua independência nacional, afirma-se: «A amizade e estreita cooperação de todas as forças revolucionárias com URSS e o PCUS são condição para a edificação vitoriosa do socialismo e do comunismo, para a vitória final dos trabalhadores ainda explorados pelo capital, para o triunfo dos povos ainda oprimidos pelo imperialismo».

«Cada êxito da URSS na construção do comunismo, cada progresso na produção, na indústria, da técnica, na cultura, no nível de vida material do povo soviético, é uma contribuição para a luta dos trabalhadores de todos os países».

E termina fazendo os mais sinceros votos para novas vitórias do povo soviético, guiado pelo Partido de Lénine.

Mensagens e saudações

O CC DO PARTIDO DO TRABALHO DA COREIA enviou em Agosto ao CC do PCP uma mensagem em que respondendo a um telegrama do PCP e fazendo votos pelos sucessos da luta do povo português, afirma:

«O vosso apoio e a vossa solidariedade constituem uma encorajamento para o nosso povo em luta pela reunificação independente e pacífica da pátria».

O CC DO PCP enviou em Setembro ao camarada Kim Il Sung ao CC do PTC uma saudação por motivo do 25.º aniversário da criação da República Popular Democrática da Coreia.

O CC DO PCP enviou uma mensagem de solidariedade ao PC do URUGUAI e ao povo do Uruguai.

O CC DO PCP enviou uma mensagem de saudações AOS CONGRESSES DO PC ALEMÃO e PC da GRÁ-BRETANHA realizados em Novembro.

Congresso Mundial DAS FORÇAS DA PAZ

«A abolição do racismo, do colonialismo, dos vestígios do fascismo são complementos necessários de todas as medidas de segurança colectiva».

Efectuou-se em Moscovo, de 25 a 31 de Outubro, o Congresso Mundial das Forças da Paz. Foi a maior e mais larga assembleia, até hoje realizada, de organizações das mais diferentes correntes políticas.

3.200 delegados e observadores, representando 144 países; 1.100 partidos políticos, organizações diversas e movimentos nacionais, 120 organizações internacionais estiveram presentes. Cinco continentes estiveram ali autenticamente representados, pelas forças mais dinâmicas que determinam a sua evolução.

Segundo um dos documentos aprovados no Congresso este constitui «o começo de esforços nacionais e internacionais comuns para reforçar a compreensão e a cooperação para a paz, a independência nacional, a segurança internacional, os direitos do homem e o progresso social, entre homens que têm opiniões políticas diferentes.»

O Congresso subdividiu-se em 14 comissões que abarcaram todos os seus objectivos fundamentais. Foram aprovados: um «Comunicado», resoluções sobre «Acções de Continuação» e «Para aplicação das resoluções do Conselho de Segurança de 22 e 23 de Outubro» (Médio Oriente), e um «Apelo do Congresso Mundial das Forças da Paz».

«As nossas concepções podem ser diferentes em certos aspectos mas estamos todos de acordo no ponto essencial: a necessidade de eliminar a guerra da sociedade

humana, de assegurar a todos os povos o direito de escolherem o seu próprio caminho com total independência, de colocar as grandes realizações da ciência e da técnica ao serviço do progresso social», diz-se no Apelo.

É noutro passo: «As forças de agressão do imperialismo e da reacção ocupam ainda os últimos bastiões do colonialismo. Organizam golpes fascistas. Semeiam a hostilidade e provocam conflitos entre os povos. Enquanto existir um palmo de terra onde se derrame o sangue e onde se cometam agressões; enquanto existir um povo privado do direito de decidir o seu próprio destino; enquanto subsistirem regimes fascistas e racistas que esmagam a vontade democrática dos povos; a consciência da humanidade não poderá ter descanso e o deféicio da paz não terá fundamentos sólidos».

Nesta histórica assembleia participou uma ampla delegação portuguesa que actuou em muitas das suas comissões. A sua actividade e o diálogo com delegações de todo o mundo e de opiniões tão diversas tiveram, decerto, um efeito esclarecedor e encorajante para a acção das forças de paz em Portugal.

A luta pela paz no nosso país fortaleceu-se com a preparação da participação portuguesa no Congresso. Novas correntes, novas camadas da população, novos sectores amantes da paz unem-se e actuam em conjunto para conquistar a paz, a segurança e a independência.

O alargamento das forças de paz em Portugal, a sua actividade perseverante, impõem-se hoje ainda mais, de modo a aproveitar o novo clima internacional, a influência à escala mundial do movimento pela paz, pela segurança e pela cooperação entre os povos, e o desenvolvimento da luta de todas as forças progressistas no nosso país.

LIBERTEMOS DIAS LOURENÇO

Agravada a pena em mais 6 anos!

O governo fascista de M. Caetano com a sua PIDE-DGS e os seus Tribunais Plenários não hesitam recorrer a todos os processos, mesmo os mais arbitrários, para tentarem manter indefinidamente nas prisões os presos políticos, para tentarem destruí-los psíquica e fisicamente. Isto é mais evidente em relação àqueles que pela sua coerência e firmeza de carácter são objecto dum ódio mais acentuado do fascismo. O que está a passar-se com António Dias Lourenço é disso um exemplo.

Em determinado dia do mês de Novembro, os carcereiros avisaram Dias Lourenço para se preparar que ia sair em liberdade. Horas depois, quando o nosso camarada esperava ansiosamente que lhe abrissem as portas—só quem alguma vez foi preso e passou longos anos na cadeia está em condições de avaliar devidamente o que são estes momentos—comunicaram-lhe que finalmente já não saía, pois a sua pena tinha sido agravada em mais 6 anos!

Trata-se duma autêntica monstruosidade, rodeada dum refinado sadismo, o que os fascistas acabam de fazer a António Dias Lourenço.

Só num regime fascista, onde a ilegalidade e o arbitrio são a lei, é possível assistir-se a casos como este.

Operário metalúrgico e natural de Vila Franca de Xira, António Dias Lourenço já passou mais de 16 anos nas masmorras fascistas e quase outros tantos na clandestinidade. Tem sido uma vida inteira dedicada à luta da sua classe, a classe operária de que é filho; uma vida inteira dedicada à luta pelo derrubamento do regime fascista, pela Liberdade e a Democracia, pelo Socialismo.

António Dias Lourenço é um exemplo de abnegação e de fidelidade à causa que abraçou. Ele tem a saúde seriamente abalada por todos estes anos de prisão e sofrimento, por todas as crueldades de que tem sido vítima, pelos desgostos que tem sofrido, como o da perda dum filho querido que morreu sem ele ao menos lhe poder assistir por estar preso.

É preciso arrancar Dias Louren-

ço da prisão, não permitir que tenha de cumprir mais estes 6 anos. Protestemos contra esta monstruosa ilegalidade. Ajudemos a libertar Dias Lourenço exigindo ao governo através de cartas, postais, telefonemas, telegramas, abaixo-assinados e outras formas que ele seja restituído à liberdade!

PORTUGAL no estrangeiro

* NOS DIAS 8 E 9 DE SETEMBRO realizou-se a FESTA DA «HUMANIDADE» órgão central do PCF no grande parque da Cornuebe em Paris.

A semelhança dos anos anteriores o PCP e o movimento democrático português participaram também na festa com o Stand do «Avante», o Stand dos democratas portugueses. Um e outro estavam decorados com as palavras de ordem que correspondiam à actual conjuntura política portuguesa. Venderam-se milhares de jornais e outra literatura do P.C.P. e antifascista.

Os Stands foram visitados por milhares de portugueses emigrados que confraternizaram e por muitos franceses.

Foram recolhidas milhares de assinaturas para um documento exigindo a Amnistia, que no dia seguinte foi entregue na embalagem de Portugal em Paris.

Foram recolhidos fundos para as vítimas do fascismo e o movimento antifascista.

* O «UNITÁ» órgão central do PCI, realizou este ano, o seu Festival Nacional em Milão, de 1 a 9 de Setembro.

Como em outras festas do «Unitá», já este ano, de novo esteve presente um stand do nosso Partido, com uma boa exposição fotográfica e muita documentação. Ai foram recolhidas cerca de 9 mil assinaturas a exigir a libertação dos presos políticos, particularmente, dos camaradas António Dias Lourenço, José Magro e Rogério de Carvalho.

O camarada António Castro, membro do Comité Central do nosso Partido, tomou a palavra num grande Meeting internacional. Milhares de participantes gritaram em uníssono: «Il popolo italiano è contra Caetano».

Um representante do PCP participou também, juntamente com um delegado da PRELIMO, numa sessão pública contra o colonialismo português, realizada pela Juventude Comunista Italiana.

A nossa delegação presente no Festival tomou parte num encontro oficial com o Secretariado da Federação dos Metalúrgicos das três centrais sindicais italianas (CGIL, CISL e UIL), e numa recepção dada pelo Vice-Presidente da Câmara de Milão, Andrea Borruso (Democracia Cristã), em nome do Governo Municipal.

* No dia 20 DE OUTUBRO realizou-se EM PARIS uma sessão pública organizada pelos democratas portugueses. Em vários discursos, numa sala cheia com centenas de participantes, foi desmascarada a farsa eleitoral. Foram aprovadas uma saudação à República da Guiné-Bissau e moções de apoio ao movimento democrático, de protesto contra a repressão fascista, solidariedade ao povo chileno e aos povos árabes. Foi feita uma recolha de fundos para o movimento antifascista. O Teatro José Magro, cantores portugueses assim como um coro de Alentejanos que assistiam à sessão, foram muito aplaudidos.

* Em Bruxelas, no dia 5 de Outubro, cerca de 80 democratas realizaram um almoço onde um democrata falou do significado do 5 de Outubro, detendo-se particularmente na análise do actual momento político em Portugal.

Chile

A solidariedade do povo português, já massivamente afirmada na campanha política de massas e em dezenas de reuniões e assembleias de trabalhadores, jovens trabalhadores e estudantes, de mulheres e intelectuais, deve manter-se e encontrar novas formas. Apoiando decididamente a luta do povo chileno, defendendo a vida de Luis Corvalán e de todos os democratas que foram atirados para os cárceres e cuja vida está em perigo—cumprimos uma obrigação de verdadeiros democratas internacionalistas.